

O MÉDICO E O POETA THE DOCTOR AND POET

Newton de Oliveira, Edgard Steffen*

Quando os redatores da Revista nos pediram que escrevêssemos homenagem a seu diretor e fundador, Newton quis transcrita a história do grande amigo, enquanto Edgard preferiu o viés poético de Hudson Hübner França. Por isso, não estranhem o confronto.

Sexto filho de João e Regina Hübner, Hudson nasceu nas Alterosas, numa pequena cidade que (talvez por insignificância) teve seu nome cortado do Guia 4 Rodas. Comunidade tão precária quanto seu Cartório de Registro Civil, que pespugou um França – provável pastiche com Francisco, nome do padrinho-testemunha – no sobrenome do registrando.

*“Tiraram Manhumirin do
Guia 4 Rodas.”*

A cidade sequer possuía serviço telefônico e calçamento, mas, por seu escrivão, acrescentou um país ao nome do filho recém-nascido. Cassaram-na do guia turístico...

*“Mas tem a Rua do Sapo
(Sapo de Baixo e de Cima)
com seus meninos descalços (...)
na rua que é toda sua.”*

Hudson andou descalço pelas ruas sem calçamento, engraxando sapatos, vendendo pipoca, vendendo doces na estação, entregando compras para armazém de sua irmã Hilda, em Jequitibá (MG). Manhumirin tinha quase nada; mas era regada pelo Rio Ouro.

*“É o rio em que brinquei criança,
rio da meninice,
rio que na velhice
encanta minha lembrança.”*

O Ouro estava apenas no nome do rio. Faltava aos bolsos da família. Os limitados recursos financeiros trouxeram o jovem a São Paulo (SP) para morar com o irmão Celso e, sozinho, estudar para ingresso em faculdade pública. Foi aprovado em 7º lugar no vestibular da Pinheiros (USP). Em todo o curso, passou por média em todas as matérias e foi considerado o 2º melhor aluno daquela turma.

Seu desempenho e seriedade chamaram a atenção do professor Francisco Xavier de Pinto Lima, que o convidaria para Assistente de Cardiologia e Terapêutica na Faculdade de Medicina de Sorocaba. Solteiro, veio para cá. Novamente morou na casa de seu irmão Celso Hübner, até desenvolver clínica particular e reunir condições para constituir família.

Casou-se com a professora Diva Von Krakauer. Envelheceriam juntos. Juntos permaneceram até o falecimento de Hudson. O poeta captou os primeiros sinais do envelhecimento da companheira; anotou com profunda emoção:

*“Por uns poucos cabelos brancos numa
cabeça tão longamente querida.”*

*“Como é curta a distância
na estrada do tempo.”*

*Os meninos com jeito de infância
minha mulher com um penteado de que me esquecerá.”*

Tiveram três filhos. A fatalidade levou precocemente o caçula Paulinho. Sérgio e Carlos seguiram o caminho paterno. Tornaram-se médicos. Sérgio, o mais velho, escreveria no prefácio dos “Poemas da Hora Escassa”:

*“Meu pai é um homem que,
como outros mineiros de montanhas duras,
se apresenta com divisas muito claras e definidas,
tácitas, sem embargo peremptórias.
Além de mineiro, já deve ter nascido médico...”*

De Sorocaba, Hudson nunca mais saiu. Tornou-se sorocabano por opção e direito. A Câmara Municipal outorgou-lhe o título de cidadão sorocabano.

A escassez de horas para compor seus poemas, deve-se à grande clínica (angariada por sua competência), dedicação à enfermagem, convívio com alunos e incansável devoção aos estudos. Fácil encontrá-lo, todas as manhãs na Biblioteca do CCMB, imerso em livros e revistas de Medicina.

Todo esse trabalho não o impediu de progredir na carreira universitária, defender tese de doutoramento, alcançar a condição de Professor Titular da Cadeira de Cardiologia e Terapêutica e, posteriormente, a de Diretor Geral do CCMB/PUC-SP (Campus Sorocaba). Também não o impediu de conhecer o Mundo como turista diferenciado, praticar futebol, tênis e basquete (enquanto a idade o permitiu), torcer para o São Paulo FC e curtir seus sobrinhos e netos. Foi também - com seus poemas ágeis, curtos, profundos - grande colaborador do Suplemento Literário da Revista da APM.

Costumava ir direto ao assunto. Entrevistado na TV local, não teve pejo ou medo em disparar: “Tenho muitos conhecidos, porém, um só amigo: Dr. Newton de Oliveira”. Não era de muito falar. Mas, quando falava – numa aula expositiva ou numa simples conversa –, conseguia fazer as coisas simples parecerem profundas e as coisas profundas parecerem de fácil compreensão. Talvez preferisse o silêncio.

*“Puxei a cadeira
mais junto do silêncio
para poder conversar.”*

Até as vésperas de suas fibras miocárdicas baquearem, fiel ao que indicava aos pacientes, Hudson frequentou a academia e a esteira com a mesma regularidade com que estudava. Conseguiu driblar a cardiopatia que, precocemente, levava parentes e amigos seus. Resistiu até os 83 anos. Suas coronárias endurecidas pela idade não aceitaram nem cateterismos dilatadores nem colocação de pontes. No meio da noite o coração do médico que se fez poeta parou.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 14, n. 3, p. III - IV, 2012

* Foram alunos e professores da Faculdade de Medicina de Sorocaba, FCMS/PUC-SP.

Contato: edgard.steffen@gmail.com

*“No meio da noite
ouço um ruído.
Não sei
mas
parece que o silêncio soluçou.”*

Todos nós, que o amávamos e admirávamos, também soluçamos em silêncio naquele 06 de agosto de 2012, mas devemos respeitar o descanso do guerreiro/médico/poeta como ele mesmo pediu:

*“Vivi muito, vivi... Quero, agora, apenas dormir.
Que mais eu posso querer na minha idade
senão
o conforto de morrer com dignidade?”*

Nota dos autores - As citações são versos dos poemas: “Tiraram Manhumirim”, “O Rio”, “À toa”, “Conversa”, “Solidão” e “Oração de um Homem Velho”, contidos no livro “Um Rio chamado Ouro (Poemas da Hora Escassa)”.



PROF. DR. HUDSON HÜBNER FRANÇA (1929-2012)
Per Dei misericordiam requiescat in pace!